

Paranóia dos códigos

Detalhes Publicado em Quinta, 19 Março 2015 15:09



Curtir

Compartilhar

0

Tweet

0

g+1

0

Share

Paranóia dos códigos

Por **Ciro Marcondes Filho**

"Tenho a suspeita de que esse é atualmente o grande trauma da civilização: sermos permanentemente chantageados por um sistema que nos mantém dia e noite vulneráveis"

E stamos todos sob a chantagem de sistemas simples que, no entanto, travam nossa vida e transformam um cidadão honesto num indesejável suspeito. Dependemos de uma senha, de um cartão de crédito, de um acesso eletrônico. Toda nossa vida fica resumida a um chip ou a um código de barras. Se você está no exterior, fica ainda pior. Se seu cartão não funciona na hora de pagar o hotel, você já não é mais tão bem visto. Você tenta falar com seu banco, mas a gerente está de licença. Pedem que você use o internet banking. Mas você, ao

tentá-lo, terá de fazer a confirmação de uma senha que lhe será enviada ao celular, que, no entanto, não estava programado para uso no exterior, e no país em que você está, as conexões com o Brasil são difíceis... Você está enrascado! Vai ficar sem dinheiro, sem crédito, desmoralizado, e começa a sentir o que é exclusão social.

Tenho a suspeita de que esse é atualmente o grande trauma da civilização: sermos permanentemente chantageados por um sistema que nos mantém dia e noite vulneráveis. Não se dorme mais, não se tem mais sossego, não se quer sair da cama. Temos medo.

Não é aquele medo "positivo" que serve para nos tornar cautelosos, como, por exemplo, não viajar com drogas para um país que pune o tráfico com pena de morte. Aqui, o medo serve para a cautela. É um medo necessário. Precisamos ter medo de nossos próprios atos desajuizados, assim como das práticas imprudentes de empresas e governos, como é o caso dos agrotóxicos, dos transgênicos, da radiação ultravioleta, da energia atômica. O medo é também parte necessária da educação. Não praticar a advertência, a repreensão e a punição, impede o aprendizado dos próprios limites e do direito do outro.

É o medo diante de objetos determinados, reais, cuja periculosidade pode ser avaliada e medida. Diferente é o medo difuso, derivado de nossa fragilidade diante dos sistemas eletrônicos e do processamento de dados. Estes nos impõem uma situação de medo pela sua própria existência e por sua inacessibilidade.

Sistemas

Os sistemas nos espreitam, nos colocam em situação complicada e se eximem do diálogo. São impassíveis. Eu não posso conversar com minha conta bancária. Eu tenho que acessar o atendimento eletrônico, que não é composto por seres humanos. Estes estão lá apenas para encaminhar as questões à máquina. São elas que decidem.

Se, ao comprar uma passagem aérea, o sistema registra duplamente minha compra, eu não tenho uma pessoa com quem falar, eu tenho um sistema que me pede para escrever minha reclamação, e ele me dará trinta dias para resolver o problema. Mas, e o dinheiro que foi sacado da minha conta? Um banco estrangeiro sediado no Brasil já sacou indevidamente R\$ 5 mil de minha conta, para devolvê-los só em três

semanas. Jamais aceitou pagar juros pelo saque indevido, dialogar ou reconhecer o erro.

Descobri que meus medos se referem a um problema que não deve ser só meu. Trata-se da inacessibilidade a esse novo Leviatã. A palavra é feia, mas meu mal é incomunicália, incomunicaltismo, e a área científica se chama incomunicopatia. Doença moderna associada ao sofrimento das pessoas de não ter como entrar em contato, encaminhar suas reclamações. De não mais dialogarem, mas deixarem mensagens, aguardando respostas, como na época dos deuses antigos. E os seres humanos, quando acessados, são atendentes de telemarketing, às vezes simpáticos, tolerantes; outras vezes, esgotados, exauridos, estressados, infelizes consigo mesmos e com a vida, cuja função é encaminhar queixas à máquina...

Todos somos sujeitos à incomunicatite crônica. E pior, não há remédio para isso. Ela não é transmitida por vírus, nem contagiosa. É síndrome adquirida. A humanidade se dá conta, hoje, que foi afetada por esse mal. Sofrimento por não ter com quem compartilhar. Nem com seu namorado ou namorada, amigo, colega de trabalho. Com ninguém. Sofrimento silencioso e cruel. Uma verdadeira epidemia, produto dos novos tempos da eletrônica, em que os únicos "amigos" são pessoas que nem sequer conhecemos e que vão nos "curtir" no Facebook.

Solidão

É uma doença da solidão. Assisti recentemente ao filme *Medianeras* (Taretto, 2011). Medianera, em espanhol, é aquilo que fica no meio das coisas, a parede, a divisória, não é nem isso, nem aquilo. Às vezes, que não quer ser isso nem aquilo, mas apenas o intermediário. É uma fuga dos apartamentos tipo "caixa de sapato", dos telefones e PCs que travam a comunicabilidade. Martin e Mariana, personagens do filme, são casos típicos, regulares, da imensa sujeição a esses nossos tempos atuais. São sensíveis, delicados, desejosos de um relacionamento, mas falham porque as coisas não acontecem no virtual. Quando estão no melhor das falas, acaba a luz, e aquele ser que havia aparecido como uma nuvem promissora, desaparece para sempre...

Essa é nossa vida. Para Vinícius, ela é a arte do encontro, apesar dos desencontros. Acho que é o contrário. A vida é puro desencontro. Efetivamente não encontramos ninguém. Temos apenas fantasias, ilusões, nossa esperança inabalável de um dia ser felizes. Mariana acabou reconhecendo Martin somente quando o viu levar seu cão para passear. Correu, atravessou o mundo, atropelou quem viu e quem não viu, para, enfim, realizar o ato mais singelo do mundo: o encontro. Pela emoção do encontro.

Nosso medo é o de sermos, a qualquer momento, capturados pelas redes da tecnologia. De sucumbirmos à armadilha que vai nos aumentar o estresse, a angústia, o desgaste, a perda de tempo. De nos tornarmos manchados, malvistas, suspeitos. E termos que correr atrás de soluções que foram transferidas para "sei-lá" que instância.

Günther Anders dizia, em *O antiquismo do Homem*, que o perigo que nos assombra não são as mensagens subliminares, as que estão abaixo do nível de captura de nossa mente e que, por isso, nos manipulariam. Não, nosso perigo, hoje, são os processos supraliminares, as coisas grandes demais que construímos e cujo controle nos escapa. Elas nos dominam e nos escravizam. No caso, nos tornam crônicos incomunicopatas. Suicidas em potencial.

"Nosso medo é o de sermos, a qualquer momento, capturados pelas redes da tecnologia. De sucumbirmos à armadilha que vai nos aumentar o estresse, a angústia, o desgaste, a perda de tempo"

Curtir [Compartilhar](#) 0

[Tweet](#) 0

[g+1](#) 0

[Share](#)